



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ- UFPA
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE HISTÓRIA

NARCISO PEREIRA DE ALENCAR

**A FESTIVIDADE DE SÃO BENEDITO NA VILA QUILOMBOLA DE JOÃO
GRANDE, VISEU- PA: MEMÓRIA, TRADIÇÃO E PERMANÊNCIA. (2025)**

Ananindeua- PA

2026

NARCISO PEREIRA DE ALENCAR

**A FESTIVIDADE DE SÃO BENEDITO NA VILA QUILOMBOLA DE JOÃO
GRANDE, VISEU- PA: MEMÓRIA, TRADIÇÃO E PERMANÊNCIA. (2025)**

Trabalho de conclusão de Curso
apresentado à faculdade de História, do
Campus de Ananindeua, da Universidade
Federal do Pará, como requisito para
obtenção do título de Licenciado em
História.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Sidiana da
Consolação Ferreira de Macêdo

Ananindeua- PA

2026

NARCISO PEREIRA DE ALENCAR

**A FESTIVIDADE DE SÃO BENEDITO NA VILA QUILOMBOLA DE JOÃO
GRANDE, VISEU- PA: MEMÓRIA, TRADIÇÃO E PERMANÊNCIA. (2025)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à faculdade de História, do
Campus de Ananindeua, da Universidade
Federal do Pará, como requisito para
obtenção do título de Licenciado em
História

Orientador: Prof.^a Dr.^a Sidiana da
Consolação Ferreira de Macêdo

Data de aprovação: 17/07/2026

Conceito: Excelente

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Sidiana da Consolação Ferreira de Macêdo
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes
Universidade Federal do Pará

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me concebido força e coragem durante esses 4 anos de graduação, agradeço também a todos meus Santos, Nossa senhora de Nazaré por sempre me dar luz quando mais preciso, São Bento pela proteção e a São Benedito por me proporcionar escrever sobre sua história. Nunca fui dos mais exemplares religiosos, mas sempre coloquei minha fé em primeiro lugar em meio minhas dificuldades.

Agradeço especialmente a minha família, minha mãe Ana Maria e meu pai José de Alencar, por todo apoio e discernimento ao longo dessa jornada. Agradeço também minha irmã Larissa Alencar por todo apoio durante esses anos.

Agradeço especialmente a dona Maria Aldenora por todo apoio durante esses anos. Também agradeço, sobretudo a minha companheira Beatriz Farias, cujo no início quando eu mesmo duvidei da minha capacidade, ela foi meu pilar principal de incentivo e graças ao seu apoio estou finalizando esta graduação.

Agradeço a todos os meus amigos de infância que colaboraram com rifas e outras ajudas financeiras, como forma de incentivo as minhas produções acadêmicas. Agradeço também aos amigos da Universidade Federal, Carla Lopes, Vinicius Rodrigues, Gabriel Pereira, João Luiz e Kamilly Pantoja, que foram fundamentais para construção da minha jornada acadêmica.

Agradeço a Prof.^a Dr.^a Sídiana da Consolação Ferreira de Macêdo, que acreditou na minha ideia e me orientou na construção da minha tese.

Agradeço ao Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes por ter aceitado participar como banca e também pelo acolhimento nos projetos universitários.

Agradeço ao Prof. Me. Raimundo Gonçalves da Silva, pelos ensinamentos acerca da comunidade do João Grande.

Agradecimento em especial a comunidade Quilombola de João Grande, pelo acolhimento e pelas histórias contadas. Em especial aos moradores Viviane Oliveira, Alacide Lima, dona Socorro Oliveira, dona Santinha Pereira, Raimundo Lopes, seu Zacarias, Katielly Santos, Andrey Silva e Izabela Lopes

Por fim, gratidão é uma pequena palavra no meio de um misto de emoções, foram 4 anos de muito medo, dedicação e ensinamentos que levarei para o resto da vida.

A FESTIVIDADE DE SÃO BENEDITO NA VILA QUILOMBOLA DE JOÃO GRANDE, VISEU- PA: MEMÓRIA, TRADIÇÃO E PERMANÊNCIA. (2025)

NARCISO PEREIRA DE ALENCAR

Resumo: Essa pesquisa tem como objetivo compreender o papel da memória na preservação das práticas religiosas e culturais relacionadas à festividade do Santo São Benedito, realizada na Vila Quilombola de João Grande, localizada no município de Viseu, no estado do Pará. A festividade é muito tradicional na região viseuense pela forte tradição do batuque de tambor que é oferecido para o Santo, sendo assim, nossa análise será desenvolvida a partir dos relatos dos moradores da comunidade, procurando compreender a importância da transmissão desses saberes entre as diferentes gerações, além de apresentar as cerimônias que compõem a festividade. Desse modo, apontar como as memórias compartilhadas pelos moradores desempenham um papel fundamental na continuidade e na preservação dessa tradição, assim garantindo a permanência da festividade como um importante vínculo da identidade quilombola.

Palavras chaves: São Benedito, Memória, Tradição, identidade, Quilombo, Viseu-PA.

1. INTRODUÇÃO.

[...] sempre escutei gente mais idosa do que eu, falarem sobre como era a tradição antes. Por exemplo, agora tem a festa dançante de aparelhagem, o que antes não tinha, o que antes tinha era os homens que batiam o tambor como festa dançante, há de um tempo para cá, tudo isso foi mudando.¹

O trecho acima nos permite observar, por mais que brevemente, como as tradições estão sujeitas a transformações ao longo do tempo e como através da memória, é possível resgatá-las. Sendo assim, através delas temos como possibilidade manter viva as heranças culturais de uma sociedade. Esse trabalho foi realizado, na Vila Quilombola de João Grande, a comunidade fica localizada no município de Viseu, nordeste do estado do Pará, reconhecida pela Fundação Cultural dos Palmares em 2017 como comunidade remanescente² Quilombola, destacando-se na região viseuense pelo seu tradicionalismo batuque de tambor³ que é oferecido para São Benedito, o Santo padroeiro da comunidade, a vila é composta de 65 famílias e está localizada aproximadamente 2 km da BR 308 pelo lado direito e a 6 km da sede do município de Viseu⁴ situado à margem do Rio Gurupi fazendo fronteira com o Estado do Maranhão, afirma Silva (2014).

Esse estudo tem como objetivo analisar a festividade de São Benedito que ocorre anualmente na comunidade, onde as memórias dos moradores, serão fundamentais para compreender a importância da festividade para a vila, como também na preservação das tradições locais e para a construção da identidade coletiva. Logo abaixo, apresenta-se a localização da comunidade, destacada de laranja, durante a elaboração desta pesquisa, não foram encontrados mapas ou documentações antigas que retratassem ou mencionasse a existência da comunidade, diante da ausência de registros cartográficos, fez-se necessário a utilização de mapas disponibilizados por meio de plataformas digitais.

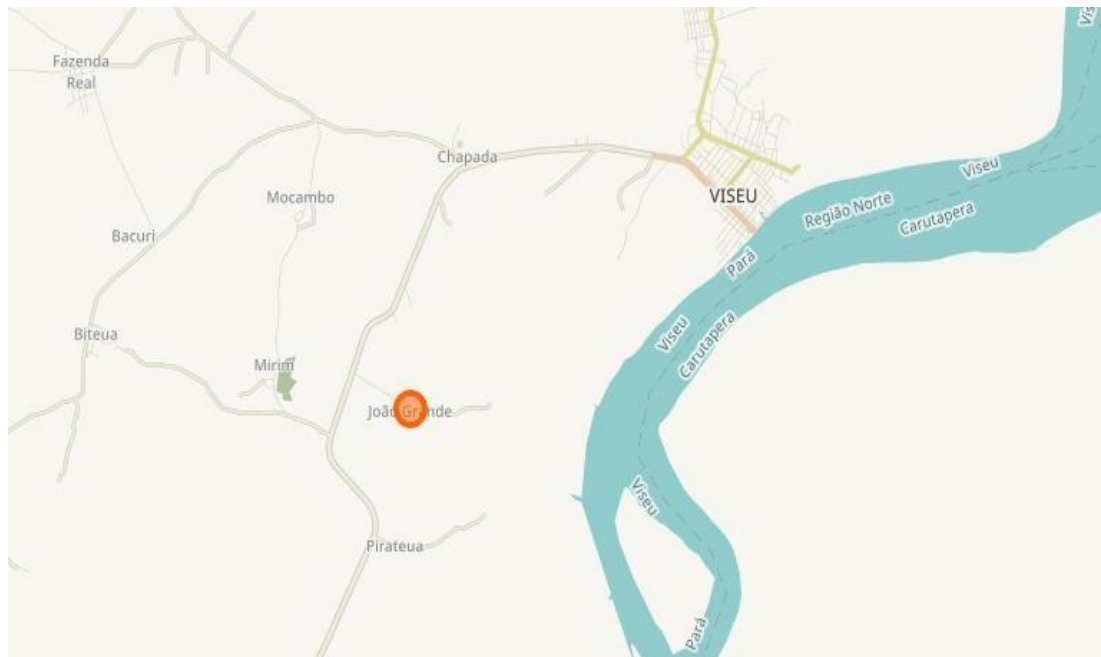
¹ SANTOS. Katielly. Entrevista concedida a Narciso Alencar. Viseu- PA 23/ 12/ 2025.

² Conforme o art. 2º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, “consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.”

³ O tambor é um instrumento de percussão com uma estrutura de madeira oca e geralmente coberta por couro, quando golpeado com as mãos ou baquetas, produz um som forte, rítmico e ressoante, sendo muito utilizado em rituais religiosos, cerimônias e festividades.

⁴ O município de Viseu-PA, possui em seu território a existência de 4 comunidades remanescentes Quilombolas, sendo elas, a Vila do João Grande, Vila Mariana, Cajueiro, Paca Aningal. Todas certificadas pela Fundação Cultural Palmares.

Imagem 01: Localização da Vila Quilombola do João Grande.



Fonte: OpenStreetMap

A pesquisa será dividida em quatro pontos, o primeiro ponto será uma breve análise da importância das fontes orais, da memória e da construção da identidade comunitária, evidenciando de como elas foram fundamentais para essa produção. Já o segundo ponto, abordará como são desenvolvidos os momentos da festividade do Santo São Benedito no Quilombo. O terceiro ponto será desenvolvido a partir de relatos dos moradores, onde memória torna-se um elemento fundamental para a valorização e continuidade dessa manifestação religiosa e cultural. Por fim, o quarto ponto buscará demonstrar de que forma os jovens da comunidade atuam na preservação dessas heranças.

Antes de darmos continuidade a essa produção, gostaria de fazer uma breve reflexão sobre minha relação com a vila do João Grande, particularmente já conhecia a comunidade, sou neto de dona Santinha Pereira dos Santos, de 78 anos, frequentadora da festividade, além de ser nascida e criada na comunidade, então isso fez com que desde minha infância fosse construída relações com a vila e tendo contato algumas vezes com a festividade. Recordo de alguns momentos de minha infância, quando eu e minha família íamos passar a semana do Natal, e durante essa semana ser bastante movimentada, com muitos barulhos de fogos de artifício, correria para preparação da festividade, além da presença de um grande público de devotos a São Benedito.

Além, de um grande público de brincantes ansioso pelo início da festa dançante de aparelhagem. Com meu ingresso universidade e a partir da disciplina “História, Memória e Cultura histórica”, surge a ideia de escrever a partir da memória dos moradores, as suas relações com essa tradição que ocorre a décadas. Não há registros escritos que comprove o início dessa festividade, porém ainda há presença de moradores na vila com mais de 80 anos e que recordam de quando crianças, verem seus pais participarem das celebrações, praticando os rituais que ainda hoje são celebrados, afirma Silva (2014).

Portanto, nesse trabalho foram realizadas entrevistas com os moradores da comunidade, além de registros de imagens e vídeos, coletados ao longo das cerimônias. Dessa forma, foram selecionados 5 participantes com faixa etária diferentes, para que fosse possível compreender sobre diferentes perspectivas, como a memória pode ser um ponto fundamental para manutenção da festividade de São Benedito na comunidade. Os participantes selecionados podem ser observados na tabela a seguir:

Imagem 02: Dados dos entrevistados.

ENTREVISTADOS (as)	IDADE	PROFISSÃO
Raimunda do Socorro Oliveria das Graças	64 anos	Agente de saúde
Raimundo de Nazaré Martins Lopes	34 anos	Autônomo
Andrey da Silva Lopes	25 anos	Autônomo
Katielly Pereira dos Santos	22 anos	Estudante
Isabela Oliveira Lopes	16 anos	Estudante

Fonte: Acervo pessoal.

Cabe destacar duas produções textuais que serão fundamentais para o desenvolvimento desse tema, a de Micheal Pollak, intitulada “Memória e identidade social” (1992). Será um dos pilares principais para nossa discussão, pois a partir do seu conceito de memória “vividos por tabela”, irei construir boa parte dessa pesquisa, já que essa teoria trata das experiências compartilhadas por grupos ou pela coletividade no qual o indivíduo se sente pertencente, onde as memórias das quais as pessoas nem sempre participaram diretamente, mas que no plano do

imaginário ganha tamanha importância, que no final, torna-se difícil diferenciar se a pessoa realmente viveu ou não aquele momento. No qual, foi possível identificar esses elementos durante as entrevistas, principalmente quando os entrevistados eram perguntados: Você já ouviu alguém da sua família (Avó, Pai, Mãe ou alguém mais velho), contar história sobre a festividade de São Benedito?

Já o trabalho do professor Raimundo Gonçalves da Silva, intitulado “Entre o tambor e a aparelhagem: mudanças sonoras na festividade de São Benedito de João Grande em Viseu na década de 80.” (2014). Torna-se fundamental pois, ele foi o primeiro a iniciar pesquisas sobre a vila do João Grande, analisando como as mudanças sonoras ocorridas, especialmente com a introdução das festas de aparelhagens a partir da década de 1980, e como isso impactou as relações entre o tradicional (tambor) e modernidade (aparelhagem), além de apresentar a festividade com um grande caráter religioso e comunitário, marcadas por várias celebrações.

Logo abaixo uma imagem da vila do João Grande, a comunidade ainda é bem tradicional, possuindo moradores que cultivam e vendem produtos oriundo de suas hortas, pescaria, produção de objetos artesanais, criação de galinha, dentre outras atividades. Uma comunidade onde a coletividade ganha destaque, onde as famílias sempre se reúnem para realização de serviços que garante o bem-estar de todos, como a roçagem, manutenção de ramais etc. Possuindo também a “Associação Quilombola do João Grande”, uma entidade representativa que atua na defesa de direitos sociais da comunidade.

Imagem 03: Comunidade do João Grande.



Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 04: Sede da Associação Quilombola.



Fonte: Acervo pessoal.

A festividade inicia oficialmente a partir do dia 20 no mês de dezembro e se encerra no dia 27, ao longo de uma semana são desenvolvidas diversas atividades em alusão ao glorioso, termo esse que faz referência a São Benedito, forma respeitosa como os devotos o tratam, relacionando esse sentimento as graças e bênçãos alcançadas, afirma Silva (2014). Ao longo do texto, será apresentada experiências das quais o autor participou e que possuem relação direta com a festividade, sendo eles divididos em etapas. A participação direta nas celebrações e as entrevistas realizadas foram fundamentais para o desenvolvimento dessa tese, pois além do trabalho do Professor Raimundo Gonçalves da Silva, pouco se sabe da origem da vila e principalmente do início da festividade, tornando importante o registro desses momentos, para assim ajudar manter viva a história da Vila de João Grande.

2- FONTES ORAIS, MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE COMUNITÁRIA.

O elemento central para o desenvolvimento desta pesquisa foi a memória, através dela podemos entender como as pessoas podem revelar características da sua identidade e do meio social que elas convivem, onde a linguagem permite que as experiências do passado sejam reconstruídas ou ganhem outros significados no presente, “a narrativa oral apresenta-se como uma experiência do homem com a linguagem, que através da língua retoma e revive seu passado de modo a construir novas perspectivas no presente.” (GOMES, 2023, p. 4).

Durante uma semana de permanência na comunidade, foi possível conversar com outros moradores além dos entrevistados, incluindo idosos, adultos e adolescentes, embora no início das conversas alguns deles demonstrassem certa timidez, a medida em que os diálogos se desenvolviam, era interessante observar o entusiasmo de suas lembranças e experiências sobre a festividade, dos mais velhos as lembranças da festa dançante ao som dos tamboreiros, já dos mais novos, as memórias da infância, como as idas ao mato para buscar o tronco, a emoção de vê-lo sendo erguido e os momentos em torno das refeições oferecidas nas mesas dos mordomos, ganharam destaque. Essas histórias nos mostram como as narrativas passadas por gerações, são fundamentais para manutenção dessas práticas religiosas e culturais. Em relação ao uso de narrativas orais, elas são muito comuns na cultura africana, pois elas expressam a sabedoria de seu povo, os relatos do seu dia a dia e suas experiências sociais, se tornam fundamentais, pois são formas de manter vivas algumas tradições, por vezes omitidas e que correm o risco de serem esquecidas pelas novas gerações, afirma Lima (2022).

Partindo do ponto de vista metodológico, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com moradores da comunidade, e durante as cerimônias da festividade, foram realizados registros fotográficos e audiovisuais. Em relação a coleta de dados, houve conversas com diversos moradores, onde foram selecionados cinco participantes de diferentes faixas etárias, o que nos leva a possibilidades distintas de percepções acerca da festividade, visto que a memória sobre a festividade será um dos nossos pilares principais para pesquisa, na tabela abaixo pode-se observar as perguntas realizadas para os entrevistados, não foi utilizado uma ordem obrigatória de perguntas durante os diálogos, dependendo do que era conversado as perguntas iam sendo realizadas, ao decorrer do texto as falas vão se relacionando com nossa análise.

Imagem 05: Roteiro de entrevista.

ROTEIRO DE ENTREVISTA	
1º)	Qual seu nome, sua idade, você sempre morou na comunidade João Grande ou veio morar depois?
2º)	Você já ouviu alguém da sua família (Avó, Pai, Mãe ou alguém mais velho), contar histórias sobre a festividade de São Benedito?

3º) O que você já ouviu falar de São Benedito e o que ele significa para você?

4º) Você lembra sua primeira participação na festividade? Você gosta de participar da festividade?

5º) Você costuma desenvolver alguma atividade dentro festividade? (ex: preparação do mastro, ladainhas, missas, tambor...)

6º) Alguém da sua família ou alguém mais velho, foi responsável por lhe ensinar esses costumes? (tambor, ladainhas, missas...)

7º) Você acha importante a festividade para a comunidade do João Grande? E o que devemos fazer para manter a festividade viva ao longo dos anos?

8º) De todas essas memórias, qual você gostaria de guardar, pois ela é especial?

Fonte: Acervo pessoal.

Outro ponto importante para nossa análise, é o vínculo de pertencimento com a comunidade, o que se fazendo muito presente nas falas dos moradores e é algo muito positivo, afinal, as tradições dentro de uma comunidade passam a ser fundamentais para construção da ideia de identidade com seu próprio território, visto que identidade de um grupo não surge apenas de forma natural ou isolada, mas sim através de uma construção ao longo do tempo, em que os símbolos, tradições, memórias e costumes, tornam-se como forma luta e resistência desses grupos, para que assim aconteça o surgimento do vínculo de pertencimento com aquele local.

No processo de construção da identidade no território, as identidades podem ser compreendidas como construções de caráter simbólico e de domínio da luta política para afirmar a diferença do grupo, a fim de garantir a continuidade de seus valores e modo de vida. Dessa forma, o território é uma condição essencial que define quem ou o que são as “comunidades negras”, onde estão e porque estão naquele lugar. (MALCHER, 2016, p. 59)

No trecho citado acima podemos entender como a dimensão de território tem um papel fundamental nesse processo de formação identitária, pois não se deve caracterizar o espaço físico, como apenas um local onde as pessoas convivem, mas também devemos olhar o espaço, como um campo de relações socioculturais, econômicas e religiosas que definem comunidade.

E entende-se que o processo de formação da Vila de João Grande, como em muitas outras formações de Quilombos, vem do processo das diásporas africanas, onde por séculos os negros apesar da extrema violência do sistema escravista, lutaram e resistiram, construíram sua identidade e reinventaram culturas.

[...] o Quilombo João Grande é uma das muitas comunidades formadas por descendentes de pessoas que resistiram à escravidão em contato com grupos indígenas da região, destacando-se pela interação dinâmica entre as culturas afro-brasileira e indígena apresentando práticas interculturais que possuem interseções entre essas tradições. (SILVA, 2026, p. 78)

Diante do que foi exposto até aqui, afirmo que a festividade de São Benedito carrega consigo esses significados, apesar de ser um Santo pertencente a igreja católica, isso nos remete essa dinâmica do sincretismo religioso muito presente em nosso país, onde é comum termos a mesclagem de diferentes crenças, dogmas e rituais, dando origem a variadas formas de fé. Sob essa perspectiva, a Festividade de São Benedito na Vila do João Grande representa como uma comunidade de descendência negra, pode reafirmar suas diferenças culturais e históricas, para assim preservar seus valores, suas tradições e seus modos de vida diante de processos de exclusão ou de esquecimento.

3- A FESTIVIDADE DE SÃO BENEDITO EM JOÃO GRANDE: ENTRE CELEBRAÇÕES E EXPERIÊNCIA.

As irmandades, sobretudo mas não exclusivamente as negras, foram, pelo menos até o Brasil-Império, os principais veículos do catolicismo popular. Nelas os santos muitas vezes ganhavam procedência sobre o Deus Todo-Poderoso, e este se contentava como o estatuto de grande santo. As irmandades eram organizadas como um gesto de devoção a santos específicos, que em troca de proteção aos devotos recebiam homenagens em exuberantes festas. (REIS, 1991, p. 59)

O trecho acima retrata como as irmandades tiveram um papel fundamental para manter viva a religiosidade do povo pelo menos até século XIX. É muito interessante pensar que mesmo com a existência de irmandades de brancos, pardos e até mesmo outros grupos religioso, as irmandades negras também ganhavam muito destaque, pois desempenhavam um papel muito importante em relação ao acolhimento de negros sejam eles escravos ou libertos, lhes oferecendo um espaço melhor para convivências, amparo e expressão da fé. O que nos leva a entender como os santos acabam ocupando esse espaço de destaque com os fiéis, pois em muitas das vezes o público se apegava ao santo, acreditando de haver uma maior proximidade com as pessoas, assim sendo a formar mais fácil de terem suas súplicas atendidas, além de serem vistos como capazes de proteger e realizar milagres. Os

santos como Santo Antônio, Nossa Senhora, São Jorge, São Benedito, dentre outros, passam a se fazer mais presente no cotidiano dos devotos devido essas crenças, vale ressaltar que cada irmandade geralmente era dedicada a um santo padroeiro.

Essa devoção a São Benedito é muito marcante em boa parte do nordeste paraense, quando se trata desse assunto, é muito comum de se ouvir falar da marujada de São Benedito que ocorre em Bragança- PA, mas outras regiões que são próximas, como Augusto Corrêa, Açaiteua, Fernandes Belo, Viseu dentre outros municípios vizinhos, também possuem festividades em alusão ao Santo.

A sociedade bragantina, formada antes por índios, padres e colonos, depois por senhores, escravos e também padres, passou a ser, na fase ferroviária (1908- 1966), a sociedade de proprietários de plantação e de "sítios", na sociedade de trabalhadores, caboclos- os "caboclos do sítio" - que eram, na verdade, os mais autênticos portadores do rico folclore bragantino, da Cavallhada à Marujada, do Boi-Bumbá ao Xote, institucionalizadas pelas irmandades religiosas, enfatizando-se a do Glorioso São Benedito. (SILVA, 2006, p. 18)

No trecho acima, podemos observar como a cultura popular e religiosa bragantina foi se transformando ao longo da história, mostrando como a população, principalmente a dos caboclos e as irmandades foram fundamentais na preservação dessas heranças, especialmente as ligadas a São Benedito. Podemos notar mais uma vez como o papel das irmandades tem destaque na disseminação da devoção ao santo, e fica evidente como a Irmandade do Glorioso São Benedito teve um papel fundamental na preservação das tradições culturais e religiosas na região de Bragança, onde as manifestações ligadas a São Benedito como a Marujada, contribuíram para a difusão dessa devoção para localidades vizinhas, e nesse processo, é interessante observar como essas práticas mantiveram seus elementos essenciais, mas cada comunidade passou a incorporá-la de acordo com suas especificidades, levando a possuir características próprias às celebrações em homenagem ao santo.

A devoção ao Santo Preto nessas regiões e na comunidade do João Grande, tem algo em comum, traz consigo não apenas o seu caráter popular, São Benedito passou a ser reconhecido como um santo mais próximo do povo, o intercessor das causas cotidianas e protetor daqueles que viviam em condições de vulnerabilidade, por eles é aclamado.

[...] à devoção a São Benedito, um Santo de origem pobre, e também negro, ficou conhecido como o Santo Preto, por proteger as pessoas de origem africana que na época da colonização vieram para a região na condição de escravos. Seus devotos, inicialmente, pertenciam à parcela menos favorecida da sociedade, que compartilhavam com o Santo os mesmos

estigmas sociais, agregando uma multidão de devotos que com ele se identificavam. Atualmente a multidão de devotos é heterogênea e pluriétnica, composta por sujeitos de classes sociais diferentes, que também se identificam com o Santo. (CORRÊA; ALENCAR, 2016, p. 4).

A festividade inicia oficialmente na Vila Quilombola do João Grande, a partir do dia 20 no mês de dezembro e sendo encerrada no dia 27, marcada por variadas cerimônias em alusão ao Santo. Na comunidade do João Grande há presença de três imagens, cada imagem carrega consigo diversos significados, sobre o que foi conversado com os moradores da vila, houve explicações que remetem a praticamente ao mesmo sentindo, onde se observamos a imagem abaixo, da esquerda para direita, temos como primeiro a figura do Santo segurando o menino Jesus, o mais comum de se vista pelas igrejas e procissões, acredita-se que escultura remete a presença de Deus na vida das pessoas, onde os milagres acontecem através do Santo, a segunda imagem temos ele segurando um fruta, muito foi se falado da representação de fartura, a terceira imagem com um livro na mão, traz a representação da Fé nas liturgias de Cristo. Em todas elas o Santo aparece vestido com características de frade franciscano capuchino, que pode ser relacionado com questões de simbolismo de humildade, acolhimento, vida de caridade, dentre outros atributos.

Imagem 04: As representações de São Benedito.



Fonte: Acervo pessoal.

Horas antes do início oficial da festividade no dia 20 de dezembro, ocorreu uma ocasião no quintal da casa do seu Zacarias, que é considerado uma grande referência no quilombo na produção de produtos artesanais, também é o responsável pela manutenção dos instrumentos da banda dos tamboreiros. Um momento muito interessante, pois havia também a presença de outros pesquisadores da Universidade Federal de Bragança, todos atentos aos tamboreiros, cantarolando músicas que remetiam ao Santo preto, como também

fazendo referências aos seus cotidianos de pescaria, amizades de longas datas, e das belezas da cidade de Viseu etc. Os tamboreiros são pessoas de origem simples, vindos da roça, da pesca e que compõem o grupo de percussionistas, são conhecidos como homens do tambor, não fazendo distinção entre eles, num raro momento em que a hierarquia se oculta no grupo, afirma Silva (2014). Atualmente a banda é composta por 4 integrantes, Manoel Guimarães ou Duquinha como é conhecido (chapéu vermelho e tambor em mãos), Santinho de Nazaré Lopes (camisa preta e com instrumento conhecido como “Onça”), Manoel Carlos (camisa azul e tambor em mãos) e o Raimundo Lopes (responsável pelo pandeiro).

Imagem 04: Grupo de tamboreiros.



Fonte: Acervo pessoal.

O grupo de tamboreiros está presente em diversas ocasiões da festividade, entoando melodias que partem dos seus lados criativos, onde surge versos improvisados que descrevem os acontecimentos reais daquele momento. Ao longo de uma semana são desenvolvidas diversas atividades como a entrega da bandeira, levantamento de mastro, ladainhas, jantar dos mordomos, dentre outras cerimônias que serão mais bem detalhadas ao longo do texto. Tais momentos se dão através de uma dinâmica de devoção ao Santo São Benedito, e quando uma pessoa apresenta seu problema diante do santo e por meio da fé, consegue o seu milagre alcançado, como demonstração de gratidão, surge então o pagamento de promessa ao Santo. Vindo à tona momentos que não tem distinção, seja homem ou mulher, idoso ou adolescentes, cada um carrega sua devoção e se emociona ao contar sobre suas graças alcançadas, quando se é perguntado “qual o significado de São Benedito em sua vida?”, Izabela Lopes conta:

São Benedito pra mim é fé... pra mim ele é fé, ele é tradição, ele é parte fundamental porque como eu sou católica é claro que eu creio

principalmente em Deus acima de tudo, é claro, tu tem os teus anjinhos da guarda, os teus santos de oração aqueles que tu deposita da tua fé, que tu vê acontecer, que faz acontecer de verdade. E São Benedito é isso para mim [...] eu comecei a crer tanto em São Benedito que eu tive que transformar ele em um pilar de conforto, todas as minhas dificuldades eu vou lá e tenho minha noitezinha de oração com ele, conto tudo, e eu me sinto até melhor. É melhor do que conversar com gente que te entende, porque nele, mesmo sem te responder, te entende mais do que com muitas pessoas.⁵

Essa crença a São Benedito se faz fundamental para o acontecimento do ato de esmolação, tal ato consiste na doação de materiais que garantiram o acontecimento das cerimônias, esmolar é um ritual em que os devotos levam ou percorrem pela comunidade, indo nas casas dos promesseiros e recebendo suas ofertas, elas são variadas, indo de dinheiro, alimentos, animais, produtos das roças, dentre outras formas de agradecimentos. Esse momento não deve ser considerado apenas com o objetivo de arrecadação de bens, mas sim, como um ato de devoção e de fortalecimento dos laços entre o santo e o promesseiro.

Este rito é o primeiro compromisso de cada devoto. Por meio dele são apresentados os bens doados a São Benedito durante o ano. Os moradores expressam sua devoção ao santo realizando a criação de animais, pato, galinha, porco, a produção de farinha, a colheita de bananas e outros frutos, e a arrecadação de dinheiro para serem doados à festa. (SILVA, 2014, p. 14).

Logo abaixo, serão descritas as cerimônias que compõem a festividade de São Benedito na Vila Quilombola do João Grande, das quais o pesquisador participou diretamente. Essa experiência de participação e as entrevistas com os moradores, constitui-se como ponto de partida para as análises desenvolvidas neste tópico.

3.1- A ENTREGA DA BANDEIRA.

Já sabemos que a promessa é algo fundamental em todo esse processo, muitos acreditam que elas devem partir do ato de devoção, não é como uma espécie de barganha, mas sim um compromisso firmado com Deus ou com os Santos que foi aclamado, e quando seu pedido é atendido, deve-se se pagar essa promessa, como forma de agradecimento a dádiva alcançada. Buscando mostrar essa forma de agradecimento, o promesseiro dentro da comunidade do João Grande tem como possibilidade de pegar a bandeira de São Benedito, a bandeira traz consigo a marca de um novo ciclo festivo, onde o promesseiro passa a ser denominado de juiz de promessa, assumindo a responsabilidade material e simbólica da festividade.

⁵ LOPES. Izabela. Entrevista concedida a Narciso Alencar. Viseu- PA 23/12/2025.

O novo juiz encarregado da festividade começa a pensar sobre o novo ciclo com a responsabilidade de avaliar a última festa e projetar a do ano seguinte com melhorias. O objetivo é organizar os eventos religiosos, fazendo distribuição dos atos celebrativos entre os devotos participantes das homenagens. A procura e enfeite da árvore, erguimento do mastro, matança, coleta da esmola e louvação feita por grupos de outras comunidades. (SILVA, 2014, p. 13).

No ano 2025, os promesseiros responsáveis por pegar a bandeira de São Benedito, foi a família do seu Zacarias, um dos mais antigos moradores da Vila e devoto do santo, com o apoio de sua família, passaram a ser os responsáveis pela organização da festividade, além de atuarem no campo do religioso, os juízes de promessa passam a ser o encarregado de contratar a aparelhagem sonora para festa dançante, como também divulgar os convites para as outras comunidades. A questão da escolha e da entrega da bandeira também funciona como uma garantia de manutenção do calendário festivo da comunidade, onde também o juiz fica responsável por receber em sua residência a arrecadação de bens que servirá para realização da festa, afirma SILVA (2014).

Imagem 05: A bandeira de São Benedito.



Fonte: Acervo pessoal.

Dessa forma, podemos observar que durante essa cerimônia, as promessas não se limitam somente em uma devoção individual, se estendendo para o meio coletivo, o que a torna um dos principais elementos responsáveis pela continuidade da festividade na comunidade. Muito interessante observar que esse ato não se resume apenas um momento de agradecimento por uma graça alcançada, mas mostra que a promessa também se constitui como elemento para a manutenção da memória social e das práticas religiosas e culturais da comunidade, assim como os outros momentos a seguir.

3.2- O MASTRO.

Ao analisarmos o contexto que o mastro se faz presente, observa-se ele como um dos elementos centrais para o acontecimento da festividade, uma vez que ele carrega consigo o simbolismo da devoção dos promesseiros, além de marcar o início do festejo. Esse momento é marcado por variados elementos, no dia 20 de dezembro, muito se ouve barulho de fogos de artifícios ao amanhecer e se estendendo durante o dia, além da entoação de cânticos vindo dos tambores da banda, ouve-se também moradores colocando as músicas gravadas do santo em caixas de som, seja por meio mais ancestral ou mais futurista, o som do tambor se faz presente, esses são indícios de que o grande momento virá acontecer naquele dia. A ida ao mato é um momento especial, que envolve ansiedade, entusiasmo e marca também novas memórias, afinal, nesse momento, homens, mulheres e crianças se fazem presente na procura da árvore que posteriormente irá se transformar no mastro.

Depois de adentrar a mata, inicia-se a procura pela árvore, quando finalmente escolhida, o grupo que acompanha o seu Zacarias estoura fogos de artifícios, uma forma de avisar para a comunidade que foi feita a escolha do novo mastro. Logo em seguida, seu Zacarias começa a fazer o corte da árvore, com ela derrubada, os homens adultos, adolescentes e até as crianças encararam carregar o tronco até o terreiro de tia Miloca, uma das mais antigas moradoras da vila, além de ser a mais antiga parteira⁶ e devota fervorosa do santo preto.

Imagem 06: Ida ao mato.



Fonte: Acervo pessoal.

⁶ Muito comum na região amazônica, a parteira carrega consigo o ofício ancestral de auxiliar as mulheres gestantes, antes, durante e depois do parto.

Imagem 07: A árvore escolhida.



Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 08: Levando a árvore para o enfeite.



Fonte: Acervo pessoal.

Quando a árvore chega no terreiro da tia Miloca, o tronco é recebido com fogos de artifícios, a partir desse momento, a banda dos tamboreiros ficam responsável por animar o ambiente:

[...] Nome do pai e do filho... tá na hora de rezar ÔÔÔ meu Deus AAA [...] oh meu compadre, oh meu compadre vou te falar, o mastro nós vai levantar ÔÔÔ meu Deus AAA [...].⁷

Enquanto isso os promesseiros começam a enfeitar o tronco com ramos folhas extraídas das árvores ao redor e amarradas com cipós, interessante observar o cuidado que o público tem com o tronco, pois quando ele é carregado de dentro da mata até o terreiro e posteriormente para frente da igreja, ele não é jogado diretamente ao chão, mas sim posto em cima de algumas cadeiras e objetos com todo cuidado, seu Eliomar Cardoso como podemos observar na imagem abaixo, quando perguntado “por que vocês não jogam o tronco direto no chão?”, ele relata:

⁷ As letras cantadas pela banda dos tamboreiros partem dos seus imaginários, tal improvisação sempre faz alusão ao momento que está acontecendo, como também mescla elementos das liturgias Católicas e as rezas para o Santo São Benedito. LOPES, Santinho. CARLOS, Manoel. GUIMARÃES, Manoel. LOPES, Raimundo. Entrevista concedida a Narciso Alencar. Viseu- PA 20/12/2025.

“[...] Não, não, não pode... esse aqui é o santo, sempre foi assim desde que eu me entendo por gente [...]”⁸

Imagem 09: O enfeite do tronco.



Fonte: Acervo pessoal.

Em relação as atividades desenvolvidas dentro da festividade, há existência de hierarquias, como a de seu Zacarias, que carrega consigo o cargo vitalício de ser a pessoa que escolhe a árvore que posteriormente torna-se o mastro, além de registrar gravuras nela, semelhantes às dos tambores de louvação. Seu Zacarias tem a função de carregar esse cargo consigo até o final de sua vida, ou quando ele decidir escolher outra pessoa para assumir a responsabilidade, entre conversas com o mesmo, o mais cotado para assumir essa função será algum dos seus filhos.

Imagem 10: seu Zacarias.



Fonte: Acervo pessoal.

Depois de enfeitado, o tronco passa a ser carregada para frente da igreja, mais uma vez se ouve muitos fogos de artifícios, os tamboreiros seguem entoando suas canções, quando o tronco chega na frente da igreja se é feito mais algumas ornamentações, onde ser colocado frutas ao seu redor. Câmara Cascudo (1988),

⁸ CARDOSO, Eliomar. Entrevista concedida a Narciso Alencar. Viseu- PA 20/12/2025.

ressalta que o mastro está presente em muitas festas populares e religiosas no Brasil, não significa apenas um simples poste de madeira, mas sim um marco ritual, onde seu levantamento marca o momento de devoção e início da festividade.

[...] No primeiro dia da festa votiva há a cerimônia do levantamento da bandeira, içá-lá à extremidade de um mastro enfeitado, entre música e salvas de foguetões. Depois da festa, há o arreamento da bandeira, com solenidade idêntica [...] (CASCUDO, 1988, p. 100)

As frutas quando penduradas simbolizam como forma de agradecimento dos moradores pelas boas colheitas ou representam pedidos de uns para que próximo o ano seja melhor, onde se relaciona a fé, graças alcançadas e a devoção, afirma SILVA (2014). Bem como, as devoções populares nascem da ausência, no sentido de que as frutas ou outros tipos de alimentos podem nos remeter a isso, onde o apego ao santo passa ganhar outro significado, para que nunca falte alimentos. Esse momento marca mais uma vez muitas emoções, onde pode-se enxergar a alegria dos devotos ao ajudarem a carregar e levantar o mastro, quando finalmente erguido está oficialmente iniciado a festividade de São Benedito na Vila Quilombola do João Grande.

Dando continuidade as cerimônias, se inicia a distribuição dos doces de coco produzidos manualmente pelos moradores, onde o juiz anuncia os nomes dos mordomos para que eles possam pegar seus doces e renovar seus votos com o São Benedito, além do restante também ser distribuídos aos participantes.

Imagem 11: O levantamento do mastro.



Fonte: Acervo pessoal.

3.3- AS LADAINHAS.

Posteriormente o mastro levantado, pela parte da noite ocorre a primeira ladainha para São Benedito, sendo realizada todas as noites do dia 20 ao dia 23, dona Socorro Oliveira é a responsável hierarquicamente pela Igreja da vila, cargo deixado por sua falecida sogra dona Tereza Lopes, que era uma das mais antigas rezadeiras e devotas de São Benedito, e ensinou dona Socorro os cânticos, ladainhas e as rezas para o santo.

A emoção é contagiante. Todos rezam e agradecem ao santo. Esse ato religioso leva aproximadamente duas horas. Terminada a reza, novamente os percussionistas entram em ação, louvando ao som do tambor que soa de maneira calma fazendo com que todos os presentes entrem em concentração, estabelecendo diálogo profundo com seu protetor. (SILVA, 2014, p. 17).

Dentro da Igreja há um altar onde se encontram as três imagens de São Benedito, chama atenção a forma como se é conduzida a ladainha, mesclando palavras em latim e palavras em português, as mais comuns de se ouvir repetir durante a cerimônias são “Cristo ouvi-nos”, “Santa Mãe de Deus”, “Rogai por nós”, “Cristo Piedade”, dentre outras palavras. Dona Socorro entoava sozinha certos trechos de leitura, enquanto em outros momentos conta com auxílio de outras rezadeiras e principalmente do público no local. Quando se observa o contexto em que as ladainhas se fazem presente, temos que entender que durante a cerimônia, e da forma que a ladainha é entoada, tem a função de estabelecer ligação e harmonização entre os homens e Deus por intercessão de Maria, dos santos, além de permitir a reunião, a solidariedade, a comunhão dos homens entre si, afirma Silva (2021).

Por outro lado, sabe-se também que as ladainhas têm origem no cristianismo europeu, quando chegadas no Brasil passaram por adaptações conforme elas vão sendo difundidas pelo país.

Chama-se a atenção para o fato de que a tradição de se homenagear Maria, a mãe de Jesus, através de cantos e súplicas, começou, por volta do século XVI, na cidade de Loreto (Itália). [...] Por ter se originado na cidade de Loreto, a ladainha é também chamada de lauretana. [...] A ladainha chegou ao Brasil através dos missionários jesuítas no período da colonização portuguesa. (BASADONNA; CANTARELLI, 2000, p. 19; VAZ, 2005, p. 13, apud SILVA, 2021).

Diante do que nos foi apresentado até aqui, sabemos como tais práticas passam por adaptações, e quando pensamos em um contexto de comunidade Quilombola, torna-se mais visíveis essas adequações, Oliveira (2002) comenta:

A ladainha, no Brasil, é uma antiga reza típica dos católicos analfabetos do meio rural, que a rezam para os santos populares. Até 1962, enquanto a língua do catolicismo oficial era o latim e os padres celebravam as missas nessa língua, ao povo que não sabia latim eram ensinadas orações longas e repetitivas, como é o caso da ladainha, na qual o rezador invoca uma sequência de nomes de santos e os demais participantes respondem: rogai por nós. (OLIVEIRA, 2002, p. 141)

Outro ponto curioso de se pensar em relação as ladainhas dentro da comunidade do João Grande, é como as mulheres ganham grande destaque com seu grupo de rezadeiras, além de que o papel desempenhado por dona Socorro como rezadeira vai além das missas realizadas na igreja, mas sim atuando em funções relacionadas a igreja como primeira eucaristia, catequese etc. Que garantem essa dinâmica religiosa para manutenção da festividade.

3.4- JANTAR DOS MORDOMOS.

Apesar desse momento ser conhecido como o jantar dos mordomos, ele se inicia por volta das 15 horas do dia 26 de dezembro, sendo encerrado no final da tarde, uma das cerimônias que marca a forte presença de participantes, ouve-se os tamboreiros animando o público:

[...] Vou ser mordomo, compadre vou ser mordomo, o jantar já vai chegar, comida já vai chegar, ÔÔÔÔ meu Deus AAAA [...] na mesa dele, lá na mesa dele, os mordomos vão chegar, os mordomos vão chegar, ÔÔÔÔ meu Deus AAAA[...]⁹

Os mordomos são os promesseiros que assume o voto de compromisso com o Santo, como já sabemos até aqui, os devotos da comunidade do João Grande colaboram com a preparação da festa, arrecadação de recursos, organização dos alimentos, na recepção dos participantes e na coordenação de determinados rituais, sendo assim o promesseiro através de um valor simbólico, tem seu nome chamado para se chegar à mesa e assim garantir seu prato de alimento. A dinâmica do momento consiste, com o mordomo sendo chamado a mesa, os tamboreiros param de entoar, então se inicia a oração, onde a rezadeira e os promesseiros cantam:

Benedito é louvado, seja o santíssimo sacramento do altar, seja puríssima conceição da Virgem Maria Mãe, senhora nossa concebida sem pecado original para sempre, amém. Viva o Glorioso São Benedito!¹⁰

⁹ LOPES, Santinho. CARLOS, Manoel. GUIMARÃES, Manoel. LOPES, Raimundo. Entrevista concedida a Narciso Alencar. Viseu- PA 20/12/2025.

¹⁰ OLIVEIRA. Socorro. Entrevista concedida a Narciso Alencar. Viseu- PA 22/ 12/ 2025.

Imagem 12: A mesa dos mordomos.



Fonte: Acervo pessoal.

Acredita-se que mesa cheia de pratos e neles uma abundância em alimentos, associando-se com significado de fartura, afinal, como já foi apresentado acima, a figura de São Benedito segurando uma fruta representa essa ddiva, Câmara Cascudo (2008), ressalta a origem desse significado.

[...]Explica-se que a sua vulgarização devocional independeu do consagratório canônico. “O São Benedito na cozinha garante fartura”, informa Hildegardes Vianna, exímia na documentária baiana. São Benedito foi cozinheiro, multiplicador de vitualhas no seu convento em Palermo. (CASCUDO, 2008, p. 294)

Há dois tipos de mordomos, tem os mordomos de promessas, que podem escolher quando se encerra ou se inicia novamente o seu ciclo de promessas com o Santo, podendo fazer suas doações quando quiserem, já os juízes de promessas além de serem os responsáveis pela organização da festividade, tem a possibilidade de estender esse cargo como vitalício, acredita-se que dessa forma, o promesseiro deve carregar consigo o voto de responsabilidade com o santo até o final de sua vida, além de ter que cumprir sua promessa todos os anos, para não correr o risco de ser castigado.

3.5- A DERRUBADA DO MASTRO.

Com a chegada do dia 27, marca o encerramento da festividade, onde algum promesseiro sobe no mastro para retirada das frutas, além de fazer a retirada da bandeira, para que posteriormente seja entregue para o novo juiz de promessa. O mastro é derrubado por seu Zacarias e com ajuda dos demais promesseiros, em seguida as frutas são distribuídas para o público, ao som dos tamboreiros, a

bandeira é conduzida para dentro da Igreja e entregue para o novo juiz. Esse ato simboliza a renovação da devoção e início de um novo ciclo de eventos, ações religiosas, políticas, sociais e econômicas referentes às homenagens a São Benedito, acabando com a curiosidade daqueles que desejavam conhecer o organizador da celebração do ano seguinte, afirma Silva (2014).

Sendo assim, podemos entender que cerimônia de encerramento da festividade não representa o fim das homenagens ao Santo São Benedito, mas sim nos dá a possibilidade do surgimento de um novo ciclo de devoção e compromisso comunitário que se renova a cada ano. Um momento que garante o fortalecimento da memória coletiva e proporciona a transmissão dos saberes e responsabilidades para às novas gerações, além de servir como reafirmação da identidade da comunidade quilombola, mantendo viva a devoção e as heranças compartilhados por seus moradores.

4.0- AS MEMÓRIAS SOBRE A FESTIVIDADE.

A memória torna-se um ponto muito fundamental na manutenção das práticas culturais e religiosas da Vila Quilombola do João Grande, quando perguntamos sobre a festividade de São Benedito para os promesseiros da comunidade, vem um misto de lembranças, é muito curioso observar como a festividade foi se modificando ao longo tempo, como também ouvir nos relatos a emoção da crença pelo Santo.

A oralidade ocupa uma posição de destaque, sendo o principal meio de transmissão da história e cultura das comunidades investigadas [...] Por meio de conversas, sobretudo nas casas dos mais idosos, os jovens aprendem sobre a memória de suas comunidades. (SANTOS, 2018, p. 112).

Foi observado durante as entrevistas, que para a manutenção da festividade, é lembrando personagens que foram fundamentais para construção do que hoje é tradicional, dona Socorro, moradora da vila há 43 anos, afirma que desde sua chegada na comunidade, sempre ajudou nas atividades ligadas a igreja, conta como os mais antigos se empenhavam para que a festividade acontecesse todos os anos. Os(as) quilombolas mais velhos(as) têm uma posição de destaque nessas comunidades, são guardiões do conhecimento, de mitos e tradições, afirma Santos (2018).

[...] faz 43 anos já que eu moro aqui, aí quando eu cheguei aqui na comunidade, já encontrei essa tradição, São Benedito como padroeiro, e aí eu estou dando continuidade na festividade junto com ele, não ajuda na festa da aparelhagem, mas sim na festa religiosa do começo

até o final. Porque eu acho que ele é muito importante na vida da comunidade, por isso dele ser o padroeiro daqui. [...] Olha para nós aqui, a pessoa que foi mais fundamental, que ajudou muito nessa festividade, foi a dona Teresa, ela foi uma pessoa de destaque mesmo, quando começou a festividade, foi ela que começou já a rezar na igreja, ela foi uma das pessoas que muito ajudou na comunidade, muito mesmo. E os cantadores que já se foram, como o Senhor João Cardoso, o Senhor Raimundo Cardoso, o Senhor Casimiro, o Senhor Adelmo, tudo que cantava o tambor, eles eram as pessoas que se interessavam muito na época também.¹¹

Partindo do conceito de Pollak (1992) “memórias vividos por tabela”, passamos a entender que a festividade não se restringe apenas nas experiências vividas diretamente pelos participantes, como vimos no caso de dona Socorro, teve seu conhecimento adquirido através dos ensinamentos de dona Tereza, a transmissão desses conhecimentos fazem parte do cotidiano da comunidade, o que nos permitem compreender como os indivíduos podem incorporar lembranças transmitidas por seu familiares ou por outros membros da comunidade, fazendo com que acontecimentos não vividos diretamente passem a integrar sua própria identidade. Durante as entrevistas, foi muito observado como certos pontos das cerimônias foram se modificando ao longo do tempo e quando perguntados “Você já ouviu alguém da sua família (Avó, Pai, Mãe ou alguém mais velho), contar histórias sobre a festividade de São Benedito?”, Izabela Lopes conta:

Antigamente, a mamãe conta que antes, quando eles levantavam o mastro, logo no início eles botavam uma lamparina no pezinho do mastro. Essa lamparina tinha que ficar acesa os sete dias da festa inteira, e se ela apagasse, a festa acabava ali ou tinham que ir acender ela com um novo ritual diferente. Tu tinha que acender aquela lamparina do jeito X, não era só chegar com um isqueiro ou um fósforo e acender.¹²

Mesmo com uma certa diferença de idade e de famílias diferentes, algo semelhante foi contado por Katielly Santos, quando feito a mesma pergunta:

[...] Eu me lembro também... do que já me falaram, que antes naquele mastro ali, eles colocavam um paneiro bem no pé dele com uma lamparina, que eu lembro também de falar [...].¹³

Curioso pensar como esse mesmo elemento ao longo dos anos passou por modificações, mas o seu significado tradicional ainda se mantém, Andrey Silva conta um momento de sua infância:

¹¹ OLIVEIRA. Socorro. Entrevista concedida a Narciso Alencar. Viseu- PA 22/ 12/ 2025.

¹² LOPES. Izabela. Entrevista concedida a Narciso Alencar. Viseu- PA 23/12/2025.

¹³ SANTOS. Katielly. Entrevista concedida a Narciso Alencar. Viseu- PA 23/ 12/ 2025.

Lembro de saí lá da casa da tia Miloca, botava, umas crianças em cima do pau do mastro. Aí vinha um bocado de crianças, os caras carregavam um bocado de criança em cima do mastro para fazer a levantação dele em dia 20 de dezembro.¹⁴

Sabemos como o mastro se faz um elemento fundamental para o acontecimento da festividade, nos três relatos acima podemos perceber como a memória pode se relacionar com objetos, transformando-o em diversos significados, pode-se entender que o mastro não só simboliza apenas uma cerimônia da festividade que é repetida todos os anos, mas sim uma forma de reafirmar uma herança recebida dos seus antepassados. Mesmo não sabendo como essas práticas começaram, mas as pessoas têm uma noção de que aquilo sempre foi realizado de certa maneira, então preservar elas se tornam fundamental, afinal símbolos, tradições e costumes, além de serem elementos de resistência, fazem parte da memória coletiva da comunidade. Outro elemento que marca essa transmissão de saberes é o tambor, Silva (2025) afirma, esses senhores, são muito mais que simples tocadores, eles se destacam ao assumirem o papel de transmissores dos saberes que envolvem o tambor na festividade.

A simbologia do tambor dentro da comunidade é mais uma herança desses saberes, Raimundo Lopes de 36, é o mais novo dos integrantes da banda dos tamboreiros e responsável por tocar o pandeiro, é filho de seu Zacarias, Raimundo sempre conviveu no meio desses ensinamentos, durante a entrevista destacou a atuação do pai na festividade, como também a do Avô Benedito Cardoso, que cantava e tocava pandeiro, mas foi através de um momento de curiosidade que o mesmo buscou aprender a tocar e hoje em dia faz questão de ser membro da banda.

Meu avô, como eu fui criado com ele também, ele cantava também o pandeiro, entendeu? Meu avô era mais devoto daqui para o São Benedito. Conhecido como Benedito Cardoso, ele era aí que batia também com o pandeiro, depois foi Zé Preto, e aí fiquei no lugar de Zé Preto. [...] Nesse tempo aí eu fui numa festa que teve aí de Natal [...] Aí eu falei, galera, eu vou ali rapidinho naquele pandeiro ali, aí a galera falou assim, vai lá então, bora vê se tem coragem. Eu fui lá... peguei o pandeiro, me arrume esse pandeiro aí, foi de lá para cá, pronto.¹⁵

Os tambores nos mostram como a festividade São Benedito não é algo apenas visto, mas também é ouvido, a partir do relato de Raimundo, foi possível

¹⁴ SILVA. Andrey. Entrevista concedida a Narciso Alencar. Viseu- PA 23/ 12/ 2025.

¹⁵ LOPES. Raimundo. Entrevista concedida a Narciso Alencar. Viseu- PA 28/ 12/ 2025.

perceber como o som do tambor é fundamental para transmissão e manutenção desses conhecimentos, uma herança de ritmos e cantos. Os tamboreiros se fazem presentes antes, durante e no encerramento da festividade, e quando eles cantam para São Benedito, não estão apenas animando o público, mas sim estão reproduzindo memórias de práticas que são transmitidas ao longo do tempo, eles apenas não estão só elaborando cânticos que remetem ao religioso, mas também contam o cotidiano social da comunidade Quilombola.

As comunidades quilombolas, marcadas por uma história de luta e resistência, possuem uma rica memória coletiva transmitida principalmente pela tradição oral ao longo das gerações. Essa memória compartilhada é expressa por meio de narrativas, cantos, danças e outros elementos culturais, representando uma importante fonte de identidade e resistência. (FILGUEIRAS, F. W. S., QUEIROZ, P. R. C., ALEXANDRE, J. F., & MOTA, D. A. R, 2023, p. 2)

A citação acima nos ajuda a reforçar a ideia de que as cerimônias que ocorrem durante a festividade, são elementos que formam uma memória coletiva, memória essa que pode ser observada nas falas expostas anteriormente. Colocando a festividade como um espaço privilegiado de memórias, religiosidade e cultura, assim garantindo a continuidade dessas tradições, além de fortalecer o vínculo de pertencimento entre os moradores e o Quilombo.

Desse modo, as narrativas apresentadas ao longo deste tópico nos mostram como a continuidade da festividade de São Benedito está diretamente ligada à memória daqueles que ao longo do tempo, dedicaram-se à preservação dessa tradição, muito interessante pensar a partir dos relatos dos entrevistados, e de como a memória coletiva não se constrói apenas por meio dos acontecimentos, mas também a partir dos sujeitos que lhes deram significado. Ficando evidente que a festividade de São Benedito não se resume apenas pela repetição anual de seus rituais, mas através das memórias e dos saberes entre as gerações, nos mostram como as narrativas sobre o mastro, a ideia da lamparina, os tambores e os personagens que marcaram a história da comunidade, nos mostram a memória como um importante instrumento de preservação de práticas, valores e significados, que continuam sendo compartilhados mesmo entre aqueles que não vivenciaram determinadas experiências.

5.0- ATUAÇÃO DA JUVENTUDE NA FESTIVIDADE.

[...] Só acompanho mesmo lá, ajudo lá, carrego, ajuda a tirar arco, porque é enfeitado com folha de mato, aí tira a folha de mato, ajuda a amarrar com envira, ajuda a enfeitar ele com banana, coco, jaca, vinho também [...]¹⁶

Na fala apresenta acima, Andrey Silva comenta sobre sua atuação durante a festividade, ao decorrer das cerimônias foram possíveis de se observar a participação de muitos jovens, o que acabou gerando um questionamento: qual seria a perspectiva dessa tradição de se manter ao longo dos anos?

O depoimento de Andrey, nos mostra que parte da juventude continua inserida na organização da festividade, foi observado que durante as atividades coletivas, como exemplo a preparação do mastro e de seu enfeite, ou no jantar dos mordomos, ainda há certa participação de jovens nessas cerimônias, o que os possibilita aprender mais dessas práticas tradicionais, por meio da convivência com os mais velhos. Podemos entender a partir do Pollak (1992), que a memória coletiva se organiza em torno de acontecimentos, dos personagens e dos lugares que adquirem significados para determinado grupo social. Sendo assim, a participação deles nessas atividades colabora no adquirimento de experiências que deixam de ser apenas individuais passam a construir uma memória coletiva da comunidade.

Mas, quando olhamos de uma forma mais geral, percebe-se alguns anseios por meio das falas dos entrevistados, principalmente em relação aos ensinamentos da igreja, como também aprender a prática do tambor, como tais pontos foram observados como os mais vulneráveis ao desaparecimento. Quando perguntado aos entrevistados, “você acha importante a festividade para a comunidade do João Grande? E o que devemos fazer para manter a festividade viva ao longo dos anos?”, podemos notar a preocupação dos promesseiros em relação ao interesse de aprender esses ensinamentos, diante do que foi exposto até aqui, gostaria de destacar três falas, a primeira por dona Socorro.

São quatro pessoas, né, que compõem lá o tambor, mas é dois daqui e dois lá de Viseu, porque os daqui não querem aprender, os mais velhos vão morrendo, e tanto jovem que tem aí que são bons para

¹⁶ SILVA. Andrey. Entrevista concedida a Narciso Alencar. Viseu- PA 23/ 12/ 2025.

querer aprender uma coisa, mas não tem interesse não...não tem interesse, não.¹⁷

A segunda fala é de Izabela Lopes:

A gente vê que, se os jovens não se interessarem, a gente vai acabar perdendo uma parte fundamental da tradição, porque a gente até perdeu ela com a morte dos tamboreiros principais, dos nossos velhinhos raízes, porque a morte é óbvia, ela é o ciclo da vida. Então, a gente meio que não pode deixar acabar, só que tem gente que não se interesse para isso. Na minha percepção, é isso que eu vejo, porque eu vejo que muitos jovens, muitos jovens mesmo, poderiam fazer mais coisas e atuar mais diretamente na comunidade.¹⁸

A terceira fala de Raimundo Lopes, quando perguntado em relação aos outros membros da comunidade não participarem da banda, Raimundo comenta:

É, eu tenho os meninos aqui também, já estão começando a bater também. Tem um primo meu ali, tem o meu afiliado também ali, meu primo também, eles sabem bater tambor. Só não sabe, é cantar, entendeu? [...] Não sei te dizer... galera não querem se botar, então acho que falta deles de interesse mesmo.¹⁹

Nas falas citadas acima, podemos observar uma linha tremula sobre a atuação da juventude na comunidade, onde temos de um lado a continuidade e do outro o desinteresse, dos pontos citados acima, vemos que ainda há presença dos jovens em diferentes etapas da festividade o que demonstra como a tradição continua sendo significativa para parte do público mais novo, por outro lado temos a seletividade na participação de certas cerimônias e o desinteresse em aprender o lado musical e litúrgicos da festividade. Ensinar sobre as ladainhas, o levantamento do mastro, a entrega da bandeira, a atuação dos mordomos e os cantos dos tamboreiros, é o meio ideal para a perpetuação dessas heranças, mesmo diante as transformações sociais e culturais contemporâneas, a juventude da Vila Quilombola do João Grande tem um papel fundamental para a permanência da devoção ao São Benedito. Porém, com a menor adesão em atividades como os cantos dos tamboreiros e as ladainhas, pode ocasionar o desaparecimento dessas heranças, durante as conversas com moradores além dos entrevistados, foi possível observar a preocupação dos moradores mais antigos com esses desinteresses, já que eles acreditam que a juventude é a principal responsável para dar continuidade a essas práticas. Dona Socorro demonstra sua preocupação:

¹⁷ OLIVEIRA. Socorro. Entrevista concedida a Narciso Alencar. Viseu- PA 22/ 12/ 2025.

¹⁸ LOPES. Izabela. Entrevista concedida a Narciso Alencar. Viseu- PA 23/12/2025.

¹⁹ LOPES. Raimundo. Entrevista concedida a Narciso Alencar. Viseu- PA 28/ 12/ 2025.

[...] eu imagino muito assim, quando eu morrer, não é por nada, eu penso assim, parece que a comunidade vai se acabar com tudo. Porque tu acreditas que o padre vem uma vez no mês aqui celebrar a missa e não tem uma jovem, nem as velhas, nem nada da comunidade, que se preste para dizer eu vou ficar responsável pelos cantos da missa, vou anotar tudinho, copiar lá no papel, mandar digitar e fazer [...] Não tem, aí na hora eu que tenho que botar, fulano vai fazer a leitura, fulano vai fazer o salmo, fulano vai fazer o comentário e eu vou ficar responsável pelos cantos, porque não tem quem vai cantar [...] E aí eu digo para eles, aí olha quando morrer vocês vão ficar assim, só vocês não vai ter canto na igreja porque vocês não querem aprender a cantar, aí vocês vêm só para cá rezar, cantar não tem [...] É horrível. Eu penso muito que vai acabar as tradições aqui por causa disso, de gente que não quer se interessar de nada [...]²⁰

Na fala de dona Socorro, é evidente a preocupação sobre o futuro da festividade, principalmente em relação aos assuntos ligados a igreja, afirmando que a descontinuação da transmissão desses conhecimentos colocaria em risco a existência da festividade de São Benedito na comunidade. E a partir da análise dos depoimentos coletados, pode-se observar que a festividade de São Benedito na Vila do João Grande não está desaparecendo, mas sim passando por certos desafios na transmissão desses saberes, por isso se faz importante o uso da memória, pois através das narrativas apresentadas pelos entrevistados, foi possível observar como a festividade de São Benedito também depende da transmissão desses saberes e principalmente que as próximas gerações acatem essas responsabilidades.

Embora que os jovens ainda se façam presentes em diversos momentos das celebrações, fica evidente a preocupação em momentos como as ladainhas e o batuque de tambor. Sobre o que foi observado das cerimônias, esses dois elementos, são considerados pelos mais antigos, como uns dos principais pilares da festividade. Segundo Santos e Aguiar (2019), demonstram que os saberes tradicionais transmitidos pelos mais velhos, desempenham um papel fundamental na formação da juventude quilombola, além do mais, os autores apontam que as transformações contemporâneas e principalmente os atrativos da globalização podem influenciar os jovens, o que colocaria em risco a continuidade de práticas ancestrais.

Diante do que foi exposto até aqui, fica evidente a riqueza social, cultural e religiosa que a Vila Quilombola de João Grande carrega consigo, entender a festividade através das memórias dos moradores foi fundamental para essa produção, pois nada melhor que entender um processo, por intermédio daqueles que

²⁰ OLIVEIRA. Socorro. Entrevista concedida a Narciso Alencar. Viseu- PA 22/ 12/ 2025.

respiram aquele espaço. Mediante aos pontos preocupantes em relação a manutenção e transmissão dos saberes relacionados a festividade, faz com que haja ainda mais necessária a valorização da memória, da oralidade e da convivência comunitária, para que possamos despertar o interesse dos jovens, como forma de assegurar a continuidade das práticas religiosas e culturais que representam a identidade da festividade de São Benedito no Quilombo.

5.0- CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A memória tem um papel de grande destaque em relação a festividade de São Benedito na Vila Quilombola do João Grande, pois através delas, pode-se ter noção de como ocorre a preservação e a transmissão dessas heranças culturais e religiosas entre gerações. A partir das entrevistas realizadas com os moradores, das participações nas cerimônias e dos diálogos com a bibliografia exposta no texto, foi possível entender como a festividade não se limita apenas como um evento religioso, mas se constitui como um elemento de memória coletiva, assim reafirmando a identidade quilombola e o sentimento de pertencimento com a comunidade. Também por meio dos relatos e das entrevistas realizadas, foi possível observar como essa memória sobre a festividade está constantemente sendo modificada por meio de novas promessas, novas ladainhas, novos levantamentos e da derrubada de mastro, os novos relatos cantarolados pelos tamboreiros, e das entregas de bandeira, mostrando para nós que essas cerimônias não se mantêm apenas pela repetição anual de seus rituais, mas sim pela transmissão e acolhimento dessas heranças para as diferentes gerações.

Dessa forma, conclui-se que a festividade de São Benedito na Vila de João Grande permanece viva e continua sendo realizada através de gerações. Mesmo, que durante as entrevistas fosse possível notar a preocupação dos moradores em relação a continuidade de determinados saberes relacionados as ladainhas e ao batuque de tambor, um desafio que indica uma linha tremula entre permanência e desaparecimento de tradições. Apontam para os desafios contemporâneos que a comunidade tem de enfrentar, visto que essas práticas dependem diretamente do envolvimento das novas gerações e preservar essas celebrações, significa preservar a história religiosa, cultura e a identitária da Vila Quilombola de João Grande.

REFERÊNCIAS:

“A escuta da memória”: a narrativa oral como fonte de
<<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/18079/13236>>. Acesso em: 17 abr. 2026. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/ncn.v28i2.18079>.
<<https://repositorio.ufpa.br/handle/2011/10161>>. Acesso em: 17 mar. 2026
10.23925/16771222.2021vol21i1a5. Disponível em:

BRASIL. Fundação Cultural Palmares. Informações quilombolas. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/departamentos/protecao-preservacao-e-articulacao/informacoes-quilombolas>. Acesso em: 17 mar. 2026.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia da alimentação no Brasil**. São Paulo: Global, 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

CECIM DA SILVA, Jair Francisco. A ladainha e a Festa de Todos os Santos na comunidade quilombola de Jurussaca. **REVER: Revista de Estudos da**

CORRÊA, Ester Paixão; ALENCAR, Edna Ferreira. **Marujas e Capitoas**: DOI: [10.29327/256399.12.1-2](https://doi.org/10.29327/256399.12.1-2). Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REDISC/article/view/1138>. Acesso em: 9 jun. 2026. Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 2023.

FILGUEIRAS, F. W. S.; et al. Memória e história oral quilombola: reconhecendo o patrimônio cultural imaterial. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2023. Anais [...] XXIII <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/17535>. Acesso em: 2 jul. 2026. <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/47723>. Acesso em: 25 mar. 2026.

LIMA, André Luiz Pereira de. **A fé como expressão da cultura popular em uma comunidade Quilombola de Baturité: Memórias e narrativas orais**. 2022, 11f. TCC - Curso de Especialização Interdisciplinar em literaturas Africanas de Língua Portuguesa/ILL, Instituto de Educação a Distância - EAD, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, Redenção-Ceará, 2022.

MALCHER, Maria Albenize Farias. **Formação e territorialização quilombola no estado do Pará**. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 8, n. 19, p.57–81, 2016.
memória. **DISCURSIVIDADES**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. e1212304, 2023.

OLIVEIRA, Oswaldo Martins de. 2002. **Quilombo do Laudêncio, município de São Mateus (ES)**. In: O'DWYER, Eliane Catarino (Org.). *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Editora FGV, Rio de Janeiro.

Pesquisas Interdisciplinares em Linguagens e Saberes da Amazônia: Educação, Tradução, Narrativas e Sociobiodiversidade. São Carlos: Pedro &

João Editores, 2025. Disponível em: [Pesquisas Interdisciplinares em Linguagens e Saberes da Amazônia: Educação, Tradução, Narrativas e Sociobiodiversidade — Pedro & João Editores](#). Acesso em 17 mar. 2026.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200–212, 1992.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
Religião, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 67–83, 2021. DOI:

SANTOS, José Rodrigo Pontes dos. **Juventudes quilombolas: memória, resistência e construção de identidades**. 2018. 161 f. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2018. Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em:

SANTOS, Pedro Fernando; AGUIAR, Ana Lúcia Oliveira. **Histórias que educam: dos velhos do quilombo à formação para a juventude – memória, saberes, tradição**. Roteiro, [S. l.], v. 44, n. 2, p. 1–16, 2019. DOI: 10.18593/r.v44i2.17535. Disponível em:

SILVA, Dario Benedito Rodrigues Nonato da. *Os Donos de São Benedito: convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX*. 2006. 205 f. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2006.

SILVA, Raimundo Gonçalves da et al. Tambores de louvação: uma linguagem sociocultural no quilombo de João Grande, Viseu-PA. **Novos Cadernos NAEA**, [S.l.], v. 28, n. 2, ago. 2025. ISSN 2179-7536. Disponível em:

SILVA, Raimundo Gonçalves da. **Entre o tambor e a aparelhagem: mudanças sonoras na festividade de São Benedito de João Grande em Viseu na década de 80**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) — Universidade Federal do Pará, Bragança, 2014.
simbolismo, poder e hierarquias no ritual da Marujada da Festa de São Benedito na cidade de Bragança, Pará. In: 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2016, João Pessoa. Anais [...]. João Pessoa: Associação Brasileira de Antropologia, 2016.

ANEXO.

Imagem 13: Entrada da Vila Quilombola do João Grande.



Fonte: Acevo pessoal.

Imagem 14: Carregando o mastro.



Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 15: Enfeite do tronco.



Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 16: Levantamento de mastro e distribuição de doces.



Fonte: Acevo pessoal.

Imagem 17: Local de missa.



Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 18: Os tamboreiros e a mesa dos mordomos.



Fonte: Acervo pessoal.